

**Carla Ribeiro, Escola Superior de Educação – Politécnico do Porto**

CEPESE – Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade (UP)

InED – Centro de Investigação e Inovação em Educação (ESEP)

carlaribeiro@ese.ipp.pt



**Turismo no Estado Novo português:  
o papel do demótico e  
do Secretariado de Propaganda Nacional**

Universidade Católica Portuguesa, Porto, 19 de julho de 2017

## PORTUGAL E O TURISMO: ORGANIZAÇÃO

<b>1911</b>	Constituição de um Conselho de Turismo, coadjuvado por uma Repartição de Turismo, dotada de autonomia administrativa e financeira, no Ministério do Fomento (Decreto n.º 115 de 16 de maio)
<b>1920</b>	Extinção do Conselho de Turismo Integração no Ministério do Comércio e Comunicações da Repartição do Turismo (Decreto n.º 7 036 de 17 de outubro)
<b>1921</b>	Abertura em Paris da primeira representação do turismo nacional no estrangeiro Criação das Comissões de Iniciativa (depois Comissões Municipais e Juntas de Turismo) (Lei n.º 1 152, de 23 de abril)
<b>1927</b>	Integração da Repartição de Turismo no Ministério do Interior (Decreto n.º 13 700 de 31 de maio)
<b>1929</b>	(Re)Criação do Conselho Nacional de Turismo, em grande medida para dar resposta à participação portuguesa na Exposição Ibero-Americana de Sevilha (Decreto n.º 16 999 de 21 de junho)
<b>1930</b>	Criação da Comissão de Propaganda do Turismo no Estrangeiro do Ministério dos Negócios Estrangeiros (Decreto n.º 18 624 de 16 de julho)
<b>1931</b>	Criação da Casa de Portugal em Paris (Decreto n.º 19 333 de 10 de fevereiro) Criação da Casa de Portugal em Londres (Decreto n.º 20 104 de 25 de julho)
<b>1933</b>	Criação da Casa de Portugal em Antuérpia (Decreto-lei n.º 22 692 de 16 de junho)
<b>1934</b>	Criação do Centro de Turismo Português pelo Automóvel Clube de Portugal
<b>1935</b>	Criação da Fundação para a Alegria no Trabalho (Decreto-lei n.º 25 495 de 13 de junho) Instituição do Conselho de Turismo do Ministério dos Negócios Estrangeiros
<b>1939</b>	Criação da Casa de Portugal em Nova Iorque (Decreto-lei n.º 29 662 de 6 de junho)
<b>1940</b>	Integração do Turismo no Secretariado de Propaganda Nacional (Decreto n.º 30 289 de 3 de fevereiro)

## PORTUGAL E O TURISMO: IMPORTÂNCIA

Em **1931**, **José de Ataíde**, chefe da Repartição de Turismo, apresentava este campo de actividade como “um dos principais contribuintes [...] para essa obra de ressurgimento que se desenha, [...] um dos agentes que mais eficazmente devem influir na reconstrução económica do país”.

Em **1932**, **Joaquim Roque da Fonseca**, director da Associação Comercial de Lisboa e membro das Comissões de Turismo do Automóvel Clube de Portugal e do Ministério dos Negócios Estrangeiros, defendia que “o turismo pode e deve ser para nós o mesmo que é para a França, para a Itália e para a Suíça – a maior das grandes indústrias nacionais”.

Em **1934**, no I Congresso da União Nacional, o engenheiro **José Duarte Ferreira** apresentava o sector turístico como uma “indústria [que] não só provoca o desenvolvimento de actividades nacionais como promove uma drenagem de ouro para dentro do país, [contribuindo] para o equilíbrio da nossa balança económica”.

Em **1936**, no I Congresso Nacional de Turismo, **Francisco de Lima** afirmava: “O turismo é hoje uma força e uma riqueza [...], um dos valiosos elementos de prosperidade nacional”.

Para **António Ferro**, diretor do Secretariado de Propaganda Nacional, o turismo era:

Instrumento privilegiado de promoção e propaganda do regime: “Se o turismo é um problema sério, e não um simples passatempo, é porque está ligado, directa e indirectamente, a quase todos os problemas nacionais, contorno indispensável da nossa renovação, seu necessário acabamento [...], meio seguríssimo não só de alta propaganda nacional como de simples propaganda política”.

Instrumento de manutenção da ordem interna, de consenso nacional: “O turismo constituiu sempre, em toda a parte, além duma grande e próspera indústria, uma excepcional terapêutica moral, [sendo que] os grandes países visitados que fazem da indústria de receber visitas uma fonte de riquezas e de renovação nacionais são países de ordem e de convívio exemplares: a Suíça, a Holanda, a Bélgica”.

Instrumento de formação do gosto: recorrendo aos exemplos da criatividade e simplicidade da “arte popular”, que espelharia as comunidades rurais nacionais, encaradas como verdadeiros roteiros espirituais da Nação, garantes da continuidade histórica e da tradição.

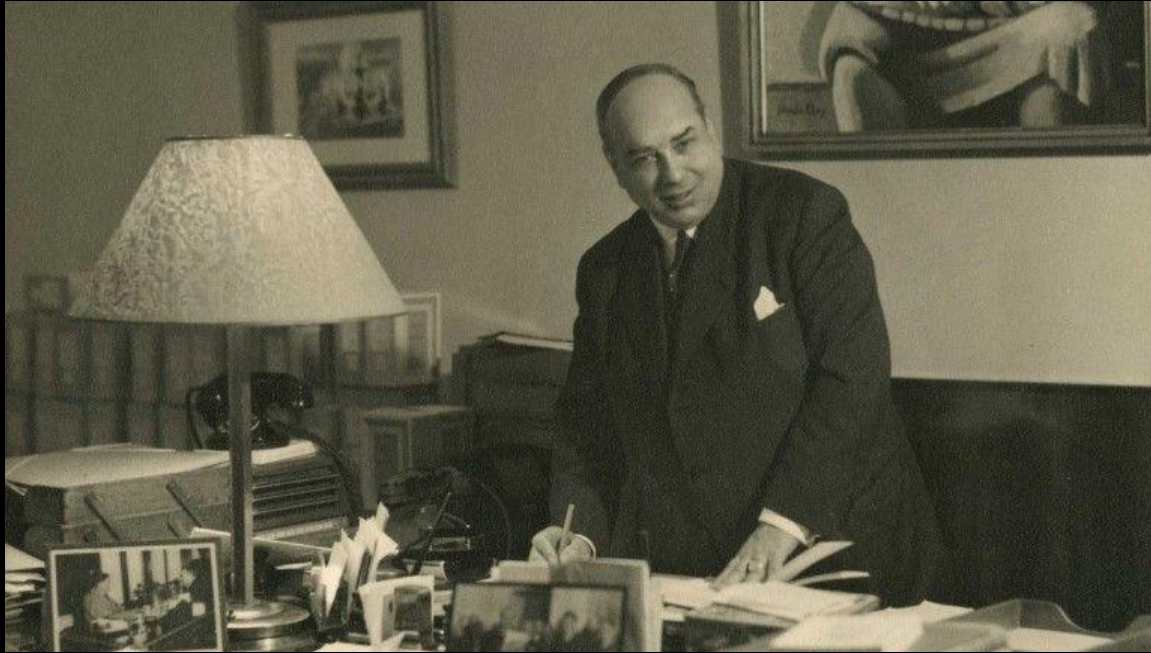
“O turista apenas se move para visitar um determinado país, se ele apresenta suficientes motivos de atracção, desde a paisagem às instalações hoteleiras, a arte à etnografia e ao folclore. Queremos turistas? [...] É necessário que sejamos diferentes, que revelemos um carácter próprio, que sejamos, numa palavra, portugueses”.



***especificidade*** da oferta turística portuguesa: nova ***marca***, nova ***categoria***

{ Enfatização dos recursos de cariz popular

{ País de feição regionalista e folclórica



**António Ferro (1895-1956)**  
jornalista, escritor e homem da  
cultura, foi o chefe da  
propaganda e responsável pela  
política cultural do Estado  
Novo entre 1933 e 1949,  
dirigindo o SPN/SNI.

Fez da sua “Política do Espírito” bandeira de uma campanha cultural que procurou integrar variadas expressões artísticas (cinema, teatro, artes plásticas, bailado, literatura...) e que atraiu muitos dos mais destacados artistas modernistas da sua época.

Raparigas de Vila Chã, fiando linho para o júri do concurso da Aldeia mais Portuguesa de Portugal



Bibliotecas  
Ambulantes  
do  
Secretariado

Pousada do Secretariado, de Santa Luzia, Elvas



Secção de Etnografia Metropolitana da EMP (1940)



Chegada de Jules Romains a Lisboa, em maio de 1935





Embaixada intelectual francesa no Bom Jesus, Braga , 1935



Produção: SPN, 1935  
Género: Documentário

Duração: 00:12:42  
Formato: 35 mm, sem som



T.S. Eliot em Sintra, 1938

# PORTUGAL NO CINEMA

## Paizagens e costumes portuguezes

Pelas 16 horas de 5 do corrente, realizou-se no elegante salão *Chiado Terrasse* uma sessão cinematographica, promovida pela Repartição de Turismo, em que se exhibiram doze dos *films* de aspectos do nosso paiz, tirados por Mr. René Moreau, distincto operador cinematographico.

Os titulos d'esses *films*, são os seguintes, bem traduzindo os assumptos de que tratam:

*Palacios e jardins — Vales e campinas portuguezas — O Bussaco — A industria pecuaria em Portugal — O Porto — A serra da Estrella — Valle do Mondego — Coimbra — Evora — Lisboa — Leiria e Batalha — A pesca da sardinha em Setubal.*

Assistimos jubilosos a essa secção especial, que decorreu animadissima, confessando-nos verdadeiramente maravilhados com a perfeição do trabalho de M. Moreau, bem como profundamente gratos á iniciativa da Repartição de Turismo, que assim põe em prática o melhor meio de propaganda das naturaes bellezas do nosso paiz.

A magnifica serie de *films* nacionaes, agora apresentada e que vae ser exhibida, por sua ordem, nas sessões do Chiado Terrasse, obedece ao titulo geral de *Portugal pittoresco e monumental*, bem o merecendo pela felicissima escolha dos assumptos e pondo em foco, desde já, uma parte, das mais interessantes, sem duvida, do muito que ha para ver e para admirar na terra portugueza.

Os *films* em questão foram ditados pela acreditada casa *Pathé* de Paris, e da auctoria de Mr. René Moreau, artista insigne na sua especialidade, que a Repartição de Turismo contratou para vir a Portugal executar essa preciosa obra de propaganda. N'alguns d'esses *films*, é-nos dado apreciar a extrema perfeição de colorido que

# O folclôr de Portugal e o filme sonoro

Os fono-filmes estão, não há dúvida, campeando lá fóra. Embora muita gente afirme que só as produções mudas constituem cinema, muito mais gente admite e aplaude a introdução do som numa película cinegráfica.

Mercê do agrado que conquistou, o cinema sonoro tende a desenvolver-se, a aperfeiçoar-se, a avassalar o mundo. Já se não pensa em filmes silenciosos — salvo raras excepções — : trata-se, agora, de aproveitar a inovação, de a utilizar como porta-voz do progresso, como meio de réclame das artes, das sciências, das indústrias...

A posteridade não só verá as grandes figuras e os mais sensacionais acontecimentos do século XX, mas ouvirá vozes e ruídos, conferências, tiros disparados em campo de batalha, canções, orquestras, bandas militares... — o *brou-ha-ha* da vida!...

Mas, além de documento histórico da nossa época, o fono-cinema é, sobretudo,

um admirável album onde se pode arquivar todo o folclôr duma nação!

Já tinham pensado nisto?

\* \* \*

Ora, Portugal é um país de esplêndidas tradições. No estrangeiro conhecem-no como sendo a nação do fado — a torpe canção doentia que passou das vielas aos salões de baile. E a nossa Pátria possui um folclôr tão belo na sua singeleza! Tão bizarro, alegre, vibrante, prênhe de seiva quente pelo sol!... Porque o não aproveitaremos nós, registando na película, os nossos costumes, os nossos trajos, as silhuetas esbeltas das mulheres portuguesas, garridas nos seus saiotes minhotos, sombrias nos seus vestidos negros da região de Aveiro?

Depois — a fertilidade da terra, a canção heroica do Trabalho, o sangue que deslisa nos vinhedos do Douro, as lâminas de prata que os pescadores vão bus-

car ao alto-mar, em manhãs de nevoeiro; o ritmo da vida, a alegria da vida, as canções populares, as dansas, as músicas, os arraiais onde tocam os Zés-Pereiras, o pitoresco étnico e inconfundível!...

Que série esplêndida de documentários se não fazia em Portugal — e sôbre Portugal!... Onde encontrar melhor meio de propaganda, melhor forma de levar os estrangeiros a conhecerem Portugal?

Já não falamos no mercado internacional, que decerto adquiriria com prazer os nossos documentários sonoros: lembremo-nos só do Brasil, onde a nossa colónia, tão vasta, aceitaria de bom grado revêr na tela o canto risonho do seu país!...

Deixemos por ora os filmes de entretcho. Vamos a problemas mais sérios e importantes: cantemos as belezas da nossa Pátria!

Porque não escrever novos Lusíadas no livro branco duma película de celuloide?

PELA NOSSA TERRA!

## Façam-se documentários de turismo

Os exemplos alheios, nomeadamente o de Espanha

**P**ELA nossa terra! Ponhamos o cinema ao serviço de Portugal, sob o ponto de vista do seu interesse turístico. Mostremos a nossa terra com as suas belezas naturais e artísticas, que são tantas; mostremo-la com os seus tradicionais costumes, onde ~~alcos~~ ainda existem, embora correndo o risco de se adulterarem e perderem...

O filme documentário e turístico pode, ao mesmo tempo, ser um filme levemente romantizado, desde que o atravesse uma anedota curiosa que o amenize ainda mais.

Vejamos alguma coisa do que se passa lá fora neste capítulo cinematográfico.

O sr. E. Roux Parassac deplora que ainda se não tenham realizado em França bons documentários de propaganda turística; no entanto, uma revista cinematográfica de Bordeus anuncia que uns vinte filmes, nos quais se representam aspectos da França de outrora e de hoje, se encontram em preparação.

A campanha em favor da multiplicação dos filmes deste género intensifica-se em muitos países.

Em Espanha, por exemplo, a instituição nacional que patrocina o turismo elaborou o seu plano de propaganda cinematográfica para o ano corrente.

Produzir-se hão três tipos de filmes documentários de 700 a 900 metros. Primeiro: filmes completamente silenciosos, dando uma ideia de tudo o que pode oferecer de interessante uma província ou uma região. Segundo: filmes sonoros reproduzindo os cantos e as danças regionais característicos. Terceiro: filmes ilustrativos dos monumentos e evocando factos tirados da história ou da literatura e que se prendam com eles. Uma duzia desses filmes será editada este ano.

Entre os assuntos mais curiosos, mencionam-se: «Toledo», «As províncias bascas», «A Galiza», «O Guadaluquivir na história e hoje», «Santuários de Espanha» (filme com acompanhamento de música religiosa), «Espanha mourisca», com acompanhamento de música moderna de Chapi, Albeniz, Granados, etc.

Evidentemente, que deve haver todo o cuidado em evitar trapalhadas. A *Publicitat*, de Barcelona, criticava, há pouco alguns filmes recentes de folklore espanhol, —filmes de propaganda, na intenção dos seus autores— que dão uma ideia inexacta dos usos e costumes do país, da sua actividade industrial e comercial e que, em certos pontos, mais denigrem que honram... Outro jornal ape-

lou para as autoridades interessadas a-fim-de que, para bom nome do país, a produção folklorista seja submetida à mais rigorosa fiscalização.

Entre nós, também se fazem pequenos documentários que são, geralmente, uma miséria em quasi todos os sentidos. Exibem-se sem que produtores e exibidores atendam a mais alguma coisa do que a um preceito da lei bem intencionado em princípio, mas, em regra, muito mal observado...

De filmes documentários turísticos, relativos a outros países, citaremos, entre muitos, os seguintes:

«Sub o sol de Itália», que mostra as cidades mais importantes da península italiana sob o seu aspecto histórico-cultural, as belezas naturais, a actividade dos grandes centros urbanos, etc.; «Desportos de inverno na Suíça»; «A conquista dos cumes», filme que mostra a ascensão ao Dente do Tubarão, um dos picos mais altos do Monte-Branco; «O coração do Norte», em côres naturais, e «Sob as luzes do Norte», dois filmes que mostram as ásperas belezas dos «fjords».

Em Paris, sob os auspícios do Circulo musical universitário, foi projectado na Sorbonne um filme de folklore romeno, que o professor da mesma nacionalidade Brouloin comentou numa conferência e que foi acompanhado de música religiosa romena.

As margens do Tamisa e os característicos bairros estrangeiros de Soho são objecto de dois filmes londrinos.

Julius Hagen propunha-se realizar um filme falado em seis linguas sobre os costumes característicos das diferentes nações europeias.

O filme «Shanghai» mostra scenas da vida popular da grande metrópole chinesa, na qual se enquadram alguns aspectos da concentração das tropas internacionais em 1927. As festas marroquinas do Beer Rachid forneceram tema a um filme «Fox Movietone», em que se reproduz o som das flautas, dos tam-tam e outros instrumentos de música indígena.

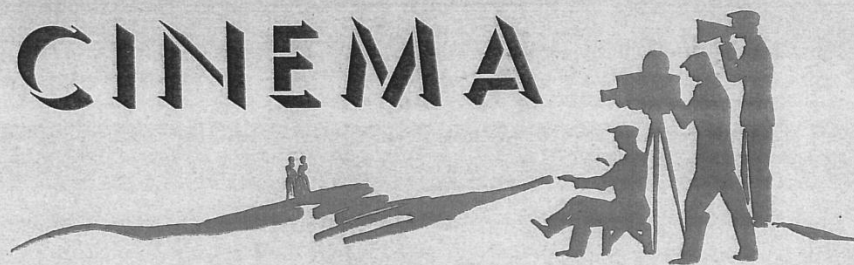
Max Gluksmann resolveu realizar um filme sobre a arte e os usos e costumes argentinos.

Podíamos alargar extraordinariamente esta lista incompletíssima. Não o fazemos, limitando-nos apenas a chamar a atenção para os exemplos citados e nomeadamente o de Espanha. As camaras municipais e outras corporações e entidades públicas e particulares bem serviriam o país e as regiões a que pertencem, patrocinando as iniciativas que se tomassem em tal sentido.

Cinéfolo

Nº 93, 1 de junho de 1930

# O CINEMA



## AGENTE DE PROPAGANDA TURÍSTICA

**H**OJE em dia não se pode deixar de contar com o cinema como um dos mais fortes e persuasivos agentes de propaganda. Mais do que a palavra ou a escrita, o cinema, pela sua acção clara e directa, representa um valor inestimável que não deve menosprezar-se. Assim, também o turismo pode e deve ter no cinema o seu mais poderoso e eloquente auxiliar. A melhor reportagem, a melhor crónica de viagem, a melhor colecção fotográfica, são relegados para plano secundário logo que o cinema entre em acção... trazido, é claro, por quem dele saiba servir-se. Que há quem desajeitadamente não consiga, ao pretender realizar um documentário cinematográfico, ir além da insipiente sucessão de banais postais ilustrados. Mas isto não vem agora para o caso.

Se as multidões, que tódas as noites se acotovelam às portas cinemas de todo o mundo, fôsssem interrogadas, teríamos esta confissão: no íntimo, talvez mesmo sub-conscientemente, uma das razões que aí as levam é o desejo insatisfeito de evasão do meio a que vivem agarrados, a recalçada ânsia de partir, de ver novas terras, novas gentes, novos costumes. A ambição de viajar vai buscar ao cinema um pouco de satisfação. Mas ao ver, no cinema, terras diferentes, costumes desconhecidos, belezas agora reveladas, insuspeitados encantos de outras cidades ou aldeias, ao ver partir comboios e paquetes, correr automóveis nas estradas, nasce também o desejo de viajar, de conhecer o que está para além dos horizontes que nos cercam.

Inteligentemente orientado para este fim, o cinema torna-se um elemento vivo de propaganda turística. Rasga horizontes, traz até nós novas paragens e não é inútilmente que as imagens passam no «écran»... Elas ficam cá dentro chamando por nós, alimentando a vontade de partir para ver de perto, para ver melhor e devagar o que o cinema nos mostrou fugidamente.

Não há em Portugal, infelizmente, uma produção regular de bons documentários. Os «cem metros» da lei são a mais vergonhosa manifestação de insuficiência e de mau gôsto. Mas, assim mesmo, um filme de Leitão de Barros sobre a Nazaré, outro de J. de Sá sobre Alfama, outro de Gartner sobre as Ilhas, mostram já suficientemente o que é possível fazer neste sentido. E é ainda o cinema que nos traz, em algumas fitas de entrecho, a beleza e o pitoresco de outras terras portuguesas.

Melhor ou peor, ou mesmo indirectamente, o cinema português tem dado a sua contribuição para a propaganda das belezas naturais, do pitoresco, do património artístico, dos usos e costumes populares de Portugal.

Agora, da importância das belezas de Portugal no cinema português falaremos noutra artigo.

H. A. COSTA

*Viagem, Revista de Turismo, Divulgação e  
Cultura*

**Nº 2, agosto de 1938**

*A Praia da Nazaré, 1935*



Produção: SPN

Género: Documentário

Duração: 00:03:56

Formato: 35 mm, sem som





*Caramulo, 1936*



Realização: Secção de Cinema do SPN

Diretor de Fotografia: Salazar Diniz

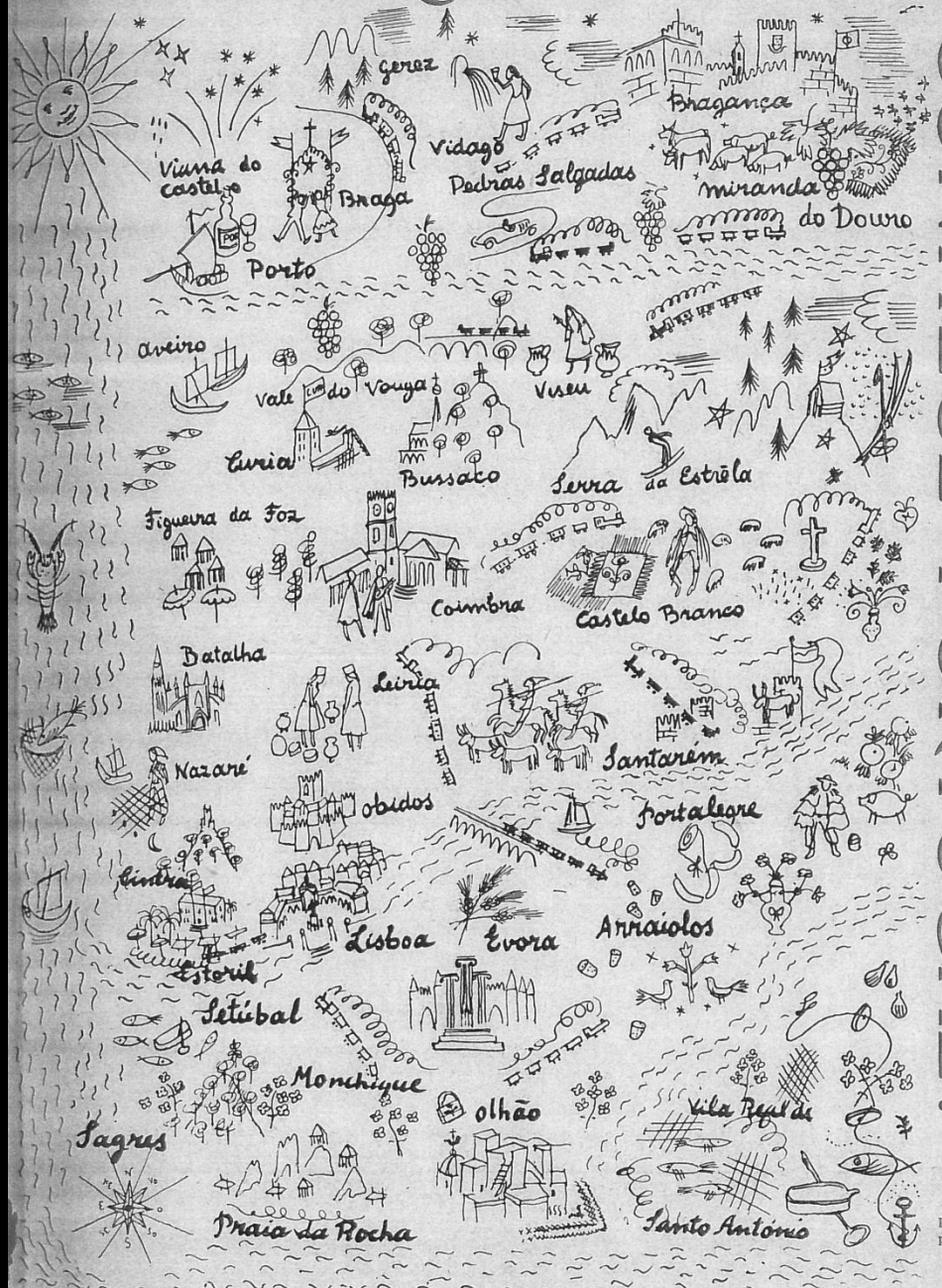
Género: Documentário

Duração: 00:07:53

Formato: 35 mm, com som



# ★ PORQUE NÃO



CONHECE PORTUGAL?

Viagem, Revista de Turismo, Divulgação e  
Cultura  
Nº 1, julho de 1938

★  
Desenhado  
por PAULO

# arruaiais e romarias

A mais bela  
e mais típica  
Romaria  
Portuguesa

## FESTAS DA AGONIA

VIANA DO CASTELO

### PROGRAMA

DIA 19 (sexta-feira)

1.ª FEIRA FRANCA

Festividades Religiosas

À tarde: *Grandiosa Procissão da Virgem da Agonia.*

À noite: *Festival na Avenida Marginal com a exibição do rancho regional das Lavradeiras da Meadela, concertos musicais, fogo de artifício, iluminações deslumbrantes. Finaliza com um bouquet monumental.*

DIA 20 (sábado)

2.ª FEIRA FRANCA

Festividades Religiosas

Às 15 horas: *Festival de Natação, promovido pelo Sport Club Vianense.*

Às 18 horas: *Primeira Tourada, com os cavaleiros João Núncio e D. Vasco Jardim e os melhores toureiros nacionais.*

À noite, no Campo da Agonia, *Arreial à Vianesa e Fogo do meio, de Castro & Irmão.*

DIA 21 (domingo)

3.ª FEIRA FRANCA

Às 10 horas, no Estádio de Monserrate, *torneio de desportos atléticos com o concurso dos melhores atletas do Norte.*

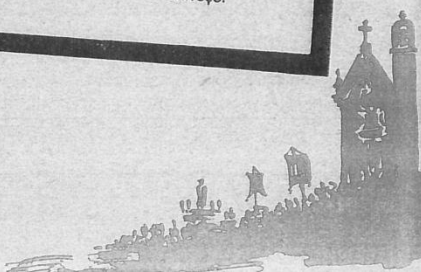
Às 15 horas na Avenida Marginal, *Festa do Traje e da Lavradeira, para distribuição dos prémios às Camponesas.*

Às 18 horas, 3.ª *tourada, com João Núncio, Simão da Veiga e o restante pessoal a pé.*

À noite, na Avenida Marginal, a *Serenata, o número mais famoso das festas, com fogos surpreendentes de Silva & F.ª e exibição do Rancho das Lavradeiras do Carreço.*

Viagem, Revista de Turismo, Divulgação e  
Cultura

Nº 2, agosto de 1938



# TRAJE, FOLCLORE E ARTE REGIONAL

## SINAL DE PARTIDA...

Do Minho ao Algarve, do litoral ao interior, da planície à montanha, do vale ao cimo, que variedade maravilhosa de cenários na Terra Portuguesa!

Variedade riquíssima de contrastes — nas formas e nas cores, até nos aromas e nos sons —, mas sempre encantadoramente pinturesca, — como se a nossa Terra (passe a vélha imagem) fóra mulher amada e amante, sempre a mesma e sempre diversa, sempre a mesma e sempre nova, continuamente outra, que sem descanso nos absorvesse os olhos e o coração!

E nesta repetida mudança de cenário, expande-se a actividade do nosso povo, em aspectos igualmente vários: desde a pesca arriscada, ao pastoreio calmo; desde os mil trabalhos sob a concha enorme do céu aos mil trabalhos sob o escasso tecto da oficina ou do lar.

O povo labuta e folga — com a alma embebida pelos encantos da Natureza. Sente a poesia da Terra; a alma dos ambientes penetra-lhe a alma própria — e da garganta rude brotam cantigas doces, das mãos grosseiras saem obras delicadas.

Se há muito para ver na Terra, — ainda mais há para ver na Gente.

Povo bem apegado aos seus usos e costumes, obstinado em suas crenças e velharias, — êle constitui verdadeiro museu vivo: nos vestuários regionais (do festivo traje rubro "à vianesa", até aos mais singelos e sombrios trajes das serranas); nos dizeres, nas práticas, nas canções, nas danças, nos jogos, nas lendas; nos objectos que fabrica, adorna e usa (da simples aguilhada de tanger os bois ao mais complexo e difícil bordado em chifre)..

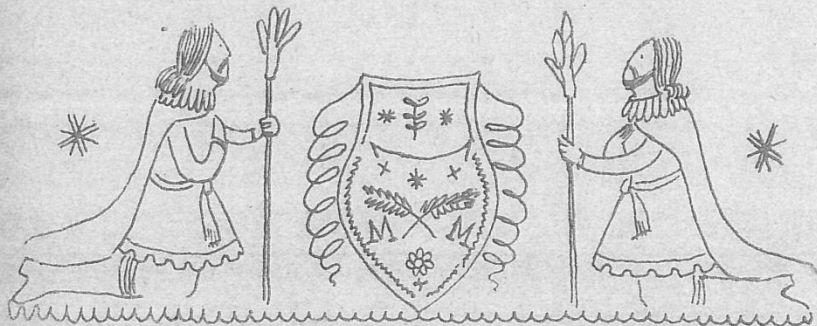
Trajes, Folclore, Arte regional — será esta a "película", etnográfica portuguesa que diante dos olhos do Leitor vai passar, despertando-lhe, ou estimulando-lhe, o desejo de ver a realidade, de transformar em viagem efectiva esta viagem literária.

Tratemos de conhecer, antes de largas digressões, a nossa Terra e a nossa Gente. Depois, quando lá por fora viajarmos, a cada instante verificaremos, com saúde e orgulho, a vantagem do que é nosso. Encontraremos além fronteiras, sem dúvida, requintes, grandiosos artificios da Civilização — da Civilização que tudo nivela, terrivelmente descaracterizadora —, mas não encontraremos aspectos naturais tam variados e belos, nem vida popular tradicional tam curiosa e típica, como debaixo dêste céu português.

Deu o sinal de partida...

Comecemos a nossa "Viagem", através do museu vivo de Portugal.

C L Á U D I O B A S T O



*Viagem, Revista de Turismo, Divulgação e Cultura*

Nº 1, julho de 1938

# BARROS PORTUGUESES



Barros de Niza



Barros de Bizalhães (Vila Real)



Barros de Vilar de Nantes (Chaves)



Barros de Loulé (Algarve)

"A cerâmica portuguesa é magnífica de forma e de cor. Ver algumas peças de olaria, designadamente os barros negros transmontanos e beirões, as infusas e os maringues vermelhos do Alentejo e as lácteas almoréas do Algarve, é relembrar os longínquos modelos que os aventureiros de Tiro e de Cartago trouxeram do Levante misterioso à Península, as ânforas, hídrias e crateras de elegante cambrura que os loiceiros gregos e romanos aqui modelaram, os gomis e bilhas mouriscas, esbeltas como um busto de mulher, ou as formas bárbaras e truculentas que a Idade Média nos deixou nos pratilhões largamente rodados como escudos de batalha, ou nos potes paçudos como um joçral castelão. Alguma vez mesmo vos acudirá à memória, em presença da decoração de uma ou de outra peça, a loiça das eras ante-históricas, amassada porventura com o mesmo barro e por mãos tão rudes como as do oleiro antepassado.

Em tôdas, porém, o povo deixou a floração, a graça, o imprevisto da sua nunca exausta fantasia. Ou é uma rosa ingenuamente debuxada, um cravo, um amor-perfeito, um cacho de uvas; ou o sol, a lua, teorias de estrêlas e crescentes, aqui e além umas feições humanas ou de animais, um peixe, uma ave, um reptil, um insecto, rudemente esboçados... Dominando, porém, tôda a feição ornamental, o tema eterno, o motivo supremo — o Amor. A cada passo nos salta aos olhos a representação — íamos a dizer consubstanciação — desse sentimento, que é no povo um dos maiores, senão o maior estímulo criador: o coração. E não só na cerâmica, como em tôdas as criações populares êsse símbolo aparece, a propósito de tudo e assumindo tôdas as formas: aqui, buscando simplesmente a semelhança anatómica; outras vezes, enflorado ou arrendado como o regalo dum presente; agora o veréis chamejante, ou asseado e gotejando sangue, como oferecido em holocausto; as mais das vezes, encimado ou ladeado por uma chave, "a chave para o abrir", segundo a letra da canção... E qual é a mística chave do coração, senão o Amor? "

*Viagem, Revista de Turismo, Divulgação e Cultura*

Nº 4, outubro/novembro de 1938

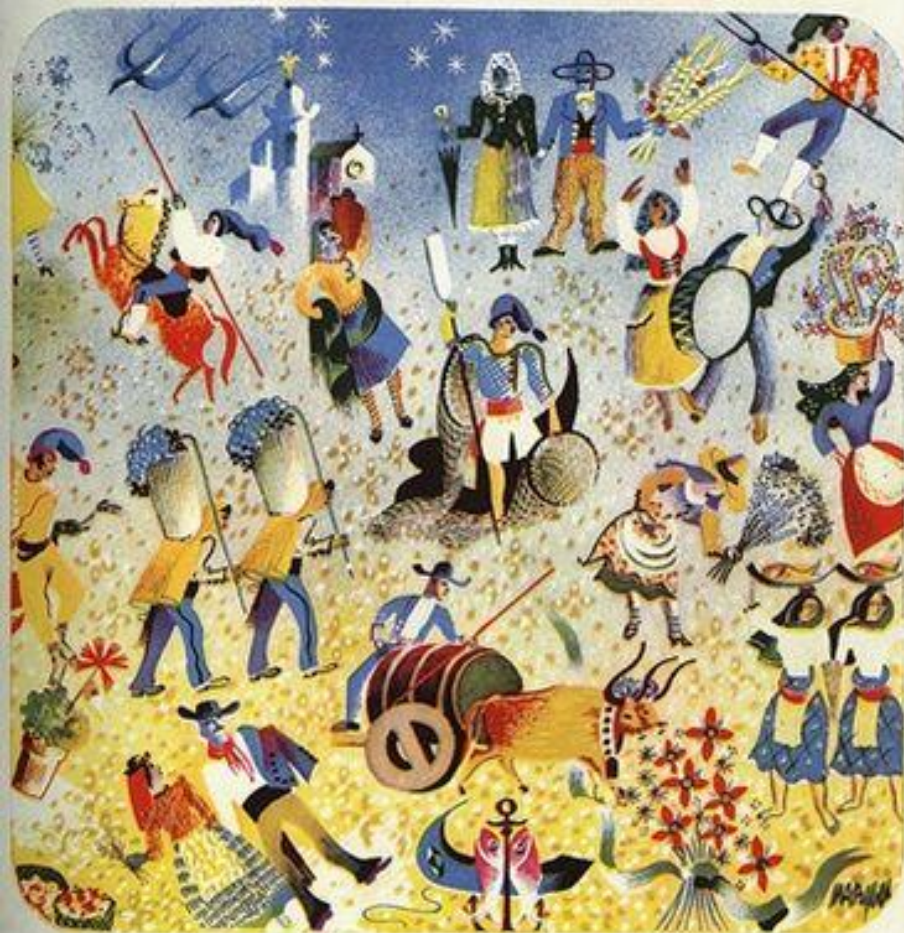
# PA N O R A M I A

numero 1 ano 1941



REVISTA PORTUGUESA DE ARTE E TURISMO

REVISTA DE ARTE E TURISMO



# PA N O R A M I A

numero 8 ano 1942

Panorama, Revista Portuguesa de Arte e Turismo, nº 1, 1941 e nº 8, 1942



**T**AMBÉM as mantas que se fazem em vários pontos do país, têm, como estas — fotografadas em Mira d'Alre — tradição regional. Pelos desenhos, as cores e a própria «matéria» do tecido, muitas dessas mantas são elementos de apreciável valor decorativo, em certos interiores de estilo rústico.

FOTOS HENRIK SALGADO



## SETÚBAL e os seus variados, interessantes e encantadores atractivos.



Aspecto geral da cidade e vista do porto

**S**ETÚBAL, quando se faz a viagem por via-ferrea, entrega-se logo ao viajante, como agradável como urbana, com as suas ruas arborizadas, algumas edificações vistosas, os largos acalanhados de brancos jardins. Mas, suscitado-se a estrada, a cidade descobre-se por uma forma mais atraente, escondida na cinta verde da curva do caminho aos olhos ávidos de ver. E tem uma entrada cada curva do caminho da Boa Morre, por entre altas muralhas triunfal, após os túneis da Boa Morre, se debruçam, a larga avenida que rodeia as copas das laranjeiras se debruçam, a larga avenida que desemboca na vasta praça em honra do rei que calou na Guerra, recordados em doçes ângulo de toante simbólico.

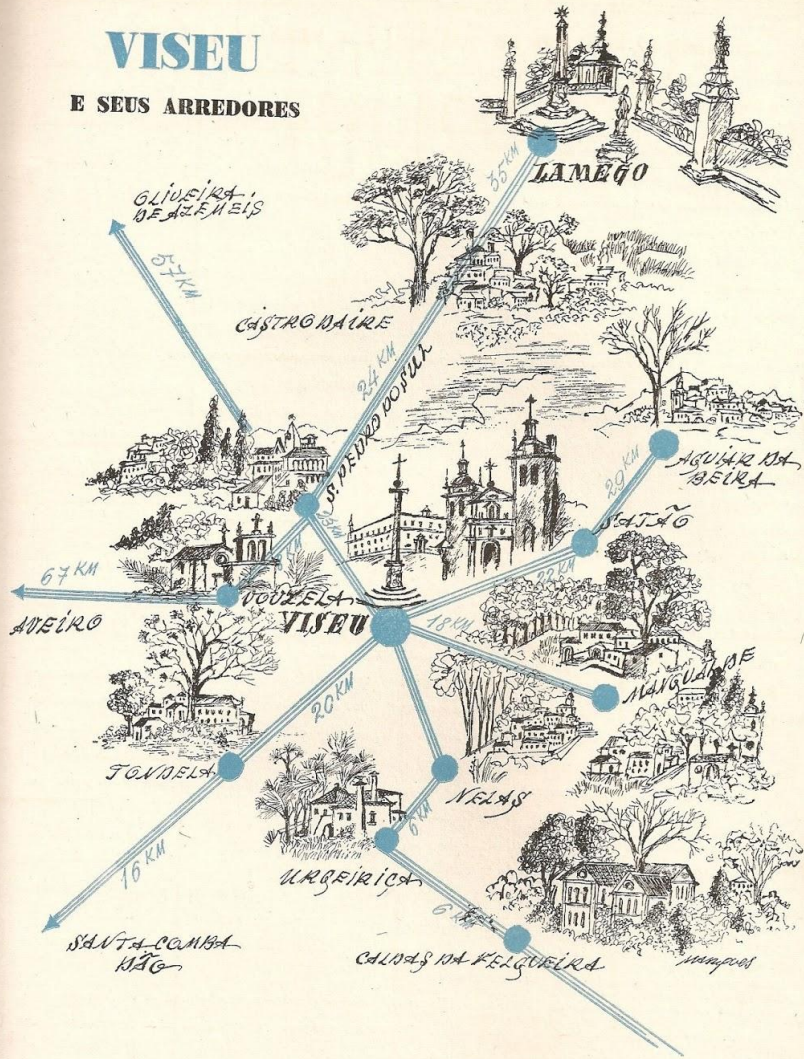
Estamos, assim, numa cidade moderna — que não perdou, porém, o sêdo da sua tradicional personalidade portuguesa — palpitante de vida. Se quisermos melhor sentir a sua beleza alentejana, na variedade das paragens, na mistura rápida das vistas e nas aguçadas diversas deste em daquele recanto — não há maneira mais própria de satisfazer estes desejos de que emprender a via-ferrea por mar.

Aparentada ao longe, com o lano dos seus campos, a magnificência das suas falésias, de forte riqueza mineralógica, que ao Sul fabricam no tito dos poderosos galeões, a exuberância das suas águas, a segurança do seu porto natural de múltiplas enseadas — todo de que o Portinho da Arrabida goza primária purificada — todo nos diz que, também, devia ter sido como de quem andava nos ossos do mar e vinda de longe, e para longe lá.



# VISEU

## E SEUS ARREDORES



UM DOS ITINERÁRIOS TURÍSTICOS MAIS SUGESTIVOS, VARIADOS E BELOS DO NOSSO PAÍS, É O QUE TEM COMO PONTO DE PARTIDA A ACOELHEDORA CIDADE DE VISEU

## O QUE HÁ PARA VER EM VISEU E SEUS ARREDORES

IGREJAS, MONUMENTOS, ETC.	OBJECTOS DE CARACTER REGIONAL	DOÇARIA	DESPORTOS
Igreja da Sé (Fachada do Século XVI. Naves interiores com colunas do Século XII. Abóbada esofónica, Manuelina do século XVI. Claustro Renasçença, com colunas jónicas. A porta de ligação, lado leste, é românica)	Cástor de Vil-de-Moimões	Bolos de Amor Bolos do Conde Bolos de São Bento Costanhas de ovos Celestes Ouriços Papos de anjo Tijaras de ovos	Foot-ball Basket-ball Tennis Patinação Campismo (no Parque do Pózeiro)
Igreja da Misericórdia	FESTAS, FEIRAS E ROMARIAS	Travesseiros de ovos moles	Caça
Igreja dos Terceiros (século XVIII)	Romaria de Nossa Senhora do Baficho, no 2.º domingo de Fátima, na povoação de Bafichão	COZINHADOS REGIONAIS	Pesca (de truta)
Igreja do Carmo (século XVIII)	Romaria de São João, a 24 de Junho, em Vil-de-Moimões (a 1 km. de Viseu)	Sopa-de-ovo Leitão assado no forno Vidua ao estyfo	EXCURSÕES
Igreja de S. Miguel	Romaria de Santana, no 1.º domingo depois de 26 de Julho, na povoação de Orgens, subúrbio da cidade	TRANSPORTES	Alto de Santa Luzia (estrada de Abravetes)
Museu Gótho Vasco	Romaria à Senhora da Saúde, no domingo a seguir a 13 de Agosto, na povoação de Penedinha (a 2 km. ao Sul da cidade)	Em Camião de Ferro: Linha do Vale do Vougo: desde Espinho desde Aveiro desde Santa-Corrua-Dão (em ligação com outras linhas)	Parque da Saúde (pela estrada de Tondela) Convento de Orgens (pela estrada de Vil-de-Moimões)
Museu Episcopal	Romaria de Santa Eufémia, a 13 de Setembro, na vizinha povoação de Barchão	Em auto-carril: Desde Espinho	Jardim de Marvóizos
Biblioteca Municipal	Romaria de Via Sacra, no domingo de Pascoela, na «Via Sacra», na cidade	Em camioneta	TERMAS
Governo Civil	Feira Franca anual, de São Mateus, de 10 a 30 de Setembro na cidade, no Largo da Ribeira — das mais importantes e animadas do País		Caldas de Alfarrobe (a 14 km. de Viseu) São-Pedro-do-Sul (a 25 km) Termas do Carvalhal (a 60 km) Caldas-da-Felgueira (a 33 km) Termas de Sargadel
(No edifício do Colégio ou Paço dos Escalões anexo à Sé)			
Edifício da Junta Autónoma das Estradas (século XVIII)			
Museu Municipal Almeida Moreira			
Quartel do G.º Art.º Mozaisha (antigo Seminário: Escadas suspensas)			
Cava de Vinato e Mosteiro a Viriato			
Monumento ao Bispo de Viseu, D. José Alves Martins			
Monumento aos Mortos da Grande Guerra			
Monumento a Luís de Camões			
Porta do Sol — Antiga muralha (século XVI)			
Arco dos Caracóis — Antiga Porta da cidade			
Casas Quincentistas			
Jardins geminados na Rua Direita Chafiz D. João V			

## Ideias finais

“Tourist sights may function [...] as places presenting the defining characteristics of nationhood and displaying historical evidence of its existence” (Pretes, 2003: 125)



António Ferro

Turismo como cenário propício à divulgação da “vida popular”, transformada em “vida nacional”

- » encenação da vida nacional, projetando uma imagem de Portugal para os portugueses:  
disseminar o sentimento nacionalista da esfera pública para o plano do quotidiano das populações, naturalizando a Nação: “nacionalismo banal” de Michael Billig
- » encenação da vida nacional, projetando uma imagem de Portugal para os estrangeiros:  
propagar a imagem de um país tranquilo, seguro, hospitaleiro, um país de ordem, bucólico

